

pactos
& disputas político-comunicacionais
sobre a presidenta Dilma

maria helena weber (org.)

Maria Helena Weber (Org.)

Pactos e disputas político-comunicacionais sobre a presidenta Dilma

Porto Alegre

Figura de Linguagem

2021

Copyright by Maria Helena Weber (Org.)

Revisão: Coletivo Manabu

Projeto gráfico: Editora Figura de Linguagem

Catálogo na Publicação (CIP)

Ficha Catalográfica

Weber, Maria Helena (Org). Pactos e disputas político-comunicacionais sobre a presidenta Dilma. Porto Alegre:

Figura de Linguagem, 2021, 883 p.

1. Comunicação social 2. Política 3. Título

ISBN 978-65-88942-12-3

Conselho editorial

Luís Augusto Fischer

Silvana Bastos

Felipe Polydoro

Roberta Flores Pedroso

Felipe Minor

Fernanda Bastos

O CORPO POLÍTICO DO GOLPE EM TRÊS TEMPOS: Dilma Rousseff e a cobertura imagética no processo de *impeachment*

Nísia Martins do Rosário
Gabriela Pacheco Dávila

Buscamos desenvolver algumas reflexões sobre o corpo político da ex-presidenta do Brasil e membro do Partido dos Trabalhadores (PT), Dilma Rousseff. O objetivo principal dessa abordagem é averiguar a construção midiática imagética produzida sobre as corporalidades da primeira mulher a assumir a presidência do Brasil em um momento tenso politicamente em todo o país e que levou ao seu *impeachment*.

Para além de muitas possíveis abordagens desse acontecimento e da relevância de todo o período em que o Brasil teve pela primeira vez uma mulher na presidência da república, pretendemos, num viés mais específico, aprofundar aspectos das corporalidades políticas de Dilma que foram produzidas midiaticamente no período do *impeachment*-golpe. Acreditamos na importância de compreender como esse corpo se expressou no processo de cassação e expiação.

Para isso, são considerados, principalmente, três momentos marcantes desse processo: o primeiro deles refere-se ao dia 12 de maio de 2016, quando o Senado decide afastá-la do cargo; o segundo, em 29 de agosto do mesmo ano, quando a presidenta comparece ao Senado para depoimento; e 31 de agosto, quando seu mandato é interrompido. Consideramos esse um recorte pertinente para o recolhimento e registro de textos audiovisuais (5) e fotográficos (51) da mídia, tendo como fontes os sites Getty e Reuters, duas agências internacionais de notícias e o site G1, a TV Senado, a TV Câmara. Também fizemos um levantamento documental a fim de coletar informações sobre o governo Dilma e sobre o período do *impeachment*, trazendo mais fundamentos à avaliação das

imagens. Nossa proposta, como se poderá ver mais adiante, não é uma análise imagética minuciosa, mas, sim, comparativa e processual construída sobre as corporalidades na correlação com o aparato metalinguístico oferecido pela semiótica da cultura e por conceitos vindos dos estudos da comunicação pública.

Antes de avançar para as tratativas específicas da proposta do artigo, considera-se importante trazer alguns fatos representativos sobre Dilma Rousseff e como chegou a ser a primeira mulher presidente do Brasil - mesmo considerando que neste livro outros artigos tragam informações muito semelhantes e mais completas.

Em 2010, após dois mandatos sucessivos no cargo político mais importante da nação, e frente a impossibilidade constitucional de se reeleger, o ex-presidente Luiz Inácio Lula Da Silva (e o Partido dos Trabalhadores), indicou Rousseff para concorrer às próximas eleições pelo período de 2011-2014. No seu histórico, uma participação importante no governo de Lula como Ministra de Minas e Energias (2003-2005) e como Ministra-Chefe da Casa Civil (2005-2010). A campanha de Dilma para a presidência se caracterizou por contar com o apoio e o carisma de Lula que aparecia, muitas vezes, nos vídeos de divulgação. Também foram feitas referências diretas e indiretas a ele, inseridas no discurso de textos audiovisuais e gráficos, com frases como: “Para o Brasil seguir mudando” , “ele veio primeiro, ela veio depois” significando que, mesmo com uma nova candidata, as mudanças e orientações políticas seriam as mesmas ou muito similares. As eleições de 2010 tiveram Dilma como ganhadora, com 56,05% dos votos válidos frente a 43,95% do adversário, José Serra (PSDB)⁸⁷.

Novamente, nas eleições de 2014, Dilma Rousseff se candidatou para um segundo mandato e seu principal adversário foi Aécio Neves, do

87 Disponível em:

<<http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/dilma-rousseff-e-primeira-mulher-eleita-presidente-do-brasil.html> >

PSDB. Durante a segunda campanha eleitoral, a presença de Lula não foi tão intensa, o foco enfatizou os programas do governo e a defesa aos ataques dos oponentes, também apareceu uma versão militante da candidata no período da ditadura militar. É claro que nos panfletos e cartazes estavam os símbolos do partido, a cor vermelha na vestimenta, a estrela do logotipo do PT, e eventualmente a imagem de Lula junto a Dilma. Após uma campanha difícil, Dilma consegue a vitória superando a Aécio Neves por três pontos percentuais⁸⁸. Contudo, depois de cerca de um ano e meio no poder e um país atravessado por crise econômica e política, ela sofreu o golpe do *impeachment*.

É importante observar um aspecto marcante no período da campanha política para a presidência e mesmo durante o governo Dilma: em nossa opinião, ela não mostrou de forma evidente a sua independência política de Lula. Ele, de certa forma, funcionou como o avalista do trabalho da candidata e da presidenta e, com isso, sua sombra e sua luz estavam sobre ela. Por outras palavras, a imagem de Dilma sempre esteve vinculada à de Lula, um trabalho que pode ser considerado coletivo, mas que mostra um corpo político atrelado a outro.

O recorte deste artigo, entretanto, recai sobre o corpo político produzido pelo golpe e construído sobre a imagem de uma mulher. Começamos a abordagem pela via da semiótica da cultura (SC), considerando principalmente a semiosfera política e os sistemas modelizantes na construção de semioses sobre os acontecimentos. Na segunda parte, trataremos da perspectiva das corporalidades na interrelação com questões de gênero, buscando tensionar limitações e exclusões da mulher na política. Em seguida, como modo de estabelecer um diálogo entre o *corpus* e os conceitos da comunicação política, discorreremos sobre imagem pública, carisma, fachada e visibilidade. Trazemos considerações sobre o objeto empírico ao longo do texto, mas

88 Disponível em:< <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/>>

na quarta parte nos detemos mais na análise desse corpo político feminino que quebra sentidos hegemônicos na semiosfera política durante o *impeachment*.

Configuração semiótica do *impeachment*

A Semiótica da cultura (SC) nos auxilia a entender “a comunicação como sistema semiótico e a cultura como um conjunto unificado de sistemas, ou melhor, como um grande texto” (MACHADO, 2003, p. 164-165) que opera como memória coletiva e como dispositivo pensante. É nessa perspectiva que consideramos a comunicação como um sistema semiótico complexo, operacionalizado por várias linguagens, diversidade de códigos, distintos processos de tradução, que vão produzir sentidos por meio da auto-organização dos sistemas modelizantes das culturas em que estão inseridos.

Os sistemas modelizantes⁸⁹ têm papel importante nas semioses e, portanto, na semiosfera, porque predispõem os processos de tradução e a determinação das significações. Eles operam sobre os códigos culturais e se constituem em sistemas de signos que possuem estruturalidades e funcionam com regularidades e modos de organização próprios que vão estar em diálogo com a maneira de funcionamento de outros sistemas de signos. Desta forma, eles se auto-organizam e sistematizam os modos de produção dos textos e de conformação das significações, definindo padrões, modos de ordenamento, permitindo um marco de interação sógnica que serve de meio para conservação e transmissão de certas normas e organização de coexistências. Além disso, permitem estabelecer processos de continuidades, regularidades e previsibilidades.

89 Para a Escola Tartu Moscou os sistemas modelizantes se dividem em primários, que se constituem sobre as línguas naturais, e os secundários, que se configuram sobre a cultura e são os que nos interessam nessa pesquisa.

Na perspectiva da SC, o nosso objeto empírico se configura a partir de textos midiáticos imagéticos que podem ser entendidos como unidades mínimas de análise e de sentidos, estão atravessados por sistemas modelizantes da mídia e da política. Machado (2003, p. 169) indica que o texto é “um gerador de sentidos em processos interativos”, ele se constitui na cultura e gera significados em articulação com as linguagens, mas, fazendo parte da dinamicidade da cultura, pode se modificar, produzir novos sentidos, reconfigurar-se. Nessa via, é importante lembrar que – assim como a cultura – a comunicação é atravessada por regularidades e irregularidades, previsibilidades e imprevisibilidades, continuidades e descontinuidades, todos esses elementos presentes nos sistemas semióticos e, mesmo sendo opostos, operam em reciprocidade, sucessão e simultaneidade. Os textos que compõem o nosso *corpus* são fotografias e audiovisuais midiáticos e, portanto, estão submetidos à linguagem imagética, foram veiculados em televisão e internet e serão analisados, sobretudo, em correlação com a linguagem corporal produzida na semiosfera política brasileira. Como tal, são geradores potenciais de sentidos, estão em processos interativos entre si.

É no âmbito da semiosfera que esses textos estão aptos a produzir semiose, tendo em vista que, conforme defende Lotman (1999), ela é o espaço de realização da semiótica e da comunicação, é um ambiente abstrato no qual se manifesta o que é próprio da significação. De acordo com Rosário (2014), a semiosfera constitui um espaço-tempo ‘que organiza a complexa articulação de textos, linguagens, códigos, mas é atravessada por tensionamentos constantes, podendo ser melhor denominada como uma dimensão na qual se manifestam os processos complexos de significação do âmbito da comunicação e onde eles devem ser estudados. Esse, portanto, é o espaço das semioses dos textos em análise nesse artigo.

Para Machado (2003, p.164), a definição de semiosfera indica que é um espaço que se delimita através da “simetria especular”, permite que o que está fora do espaço possa ser incorporado em favor das complementariedades, efetuando os processos comunicativos e a produção de novas informações. O conceito de semiosfera nos ajuda a entender o ambiente que compõe o objeto de estudo, sendo necessário considerar que ele está constituído no âmbito midiático e que sua circulação é vasta. Ao mesmo tempo, seus sentidos são produzidos a partir do sistema cultural da política. São várias linguagens em articulação e em tensionamento, por isso a entendemos como uma semiosfera política-midiática.

Lotman (1996) defende que a semiosfera funciona por processos dinâmicos e se compõe de um núcleo e de uma periferia como parte da sua organização interna. No centro se aglutinam as modelizações dominantes, os elementos hegemônicos e os códigos mais aceitos, sendo o núcleo o espaço em que se legitimam, portanto, determinados sentidos e usos dos textos. A periferia, por sua vez, é a região de maior atividade semiótica, tendo em vista que os sentidos não são unânimes, estão em disputas e em processo de criação, “formam-se genes que se transformam, mudam e atualizam a memória da cultura” (MACHADO, 2007, p. 35). A partir do centro é que desenvolvemos nossas traduções, partindo de textos que modelizam nosso entorno através de uma hegemonia.

Fazendo uma conexão com o objeto de investigação, devemos entender que os textos midiáticos, em sua grande maioria, são padronizados e seguem um modo de composição bastante rígido. Construídos sobre as continuidades e as regularidades do sistema, buscam situar-se no centro da semiosfera - entre outras coisas - para facilitar a semiose e a compreensão das mensagens, mas também para legitimar e ideologizar determinados sentidos. Os textos jornalísticos (de onde provém o *corpus*) nos parecem os que mais seguem as previsibilidades dos sistemas modelizantes das mídias, operam sobre uma continuidade

considerável e, sendo assim, são os que menos se movimentam na semiosfera, dificilmente se aventuram pela periferia, ainda que os textos fotojornalísticos mostrem-se mais abertos à criatividade e a construções metafóricas.

Nessa mesma via, se considerarmos a semiosfera política na inter-relação com as construções culturais de gênero, teremos um centro habitado e comandado pelo universo masculino patriarcal, que é excludente não apenas em relação às mulheres, mas também em relação aos LGBTQI. Claro que as exclusões não se restringem apenas às questões de gênero. Só alguns estão aptos à semiosfera política, é necessário cumprir determinadas regras e se manter assujeitado aos seus sistemas modelizantes. Como nosso objeto se compõe sobre a imagem de Dilma Rousseff, não podemos deixar de atentar para o fato de se tratar de uma mulher, a primeira mulher que assumiu a presidência do país e que, portanto, tensionou e abalou o centro da semiosfera política, provocando rupturas nas continuidades, acionando irregularidades e imprevisibilidades. Muitos tensionamentos de gênero estiveram em causa, mesmo que não fossem explicitados e publicizados⁹⁰. A periferia também foi acionada permitindo a incorporação de algumas complementariedades, a criação de novos textos e, sobretudo, pressionando fortemente o centro e os elementos hegemônicos dos sistemas modelizantes. Ao mesmo tempo, os processos de exclusão também funcionaram e nem tudo foi incorporado, diversas resistências de forças foram geradas e sentidos entraram em disputa. Muito mais pode ser ponderado sobre isso, mas não é nosso foco nesse artigo.

É importante lembrar que os sistemas semióticos têm uma tendência a operar sobre as regularidades nas composições dos textos, as quais, ao se repetirem (continuidade), vão sendo legitimadas, aceitas pela cultura e incorporadas aos sistemas modelizantes, gerando certa previsibilidade de

90 Toma-se aqui esse termo no sentido de tornar público.

constituição e funcionamento. Em reciprocidade e, ao mesmo tempo, em contraposição estão os momentos de imprevisibilidades, irregularidades e descontinuidades, quando se configuram textos que não se organizam de acordo com o esperado, tensionando os códigos e dificultando o processo de tradução. Para Lotman (1999), este é um momento explosivo, explicado na inter-relação com o gradual: os processos graduais assumem funções importantes em uma estrutura com funcionamento sincrônico assegurando a continuidade, enquanto os processos explosivos asseguram a criação de novos textos, a inovação, podem gerar momentos de intradutibilidade e estranhamento, têm potencial para alterar códigos e estruturas das linguagens.

Uma mulher na presidência, pela primeira vez, provocou uma explosão semiótica no sistema político brasileiro, desacomodou muito sentidos legitimados e muitos poderes fixados. Pelas oposições duais que se instalaram em boa parte da cultura ocidental (e que atualmente tendem a mudar de forma gradual), a binariedade homem - mulher é construída sobre a oposição, sendo o segundo polo percebido como negativo. Entendemos que não é necessário discorrer sobre como a cultura tem criado, diacronicamente, significados para a mulher numa sociedade heterocentrada e patriarcal, na qual ainda persiste significativamente a violência contra ela e a desqualificação de suas potencialidades no âmbito profissional. Um corpo feminino na presidência da república redimensionou o papel do homem na política, tensionou a ordem da binariedade de gênero, alterou regularidades nas hierarquias políticas, criou, portanto, explosão semiótica. Para Rosário (2014), desde a perspectiva das corporalidades, “aqueles corpos que, ao constroem uma cadeia de sentidos sobre si, provocam uma interrupção e rompimento nas semioses em vários níveis e sob diferentes ritmos e intensidades” são corpos que geram explosão semiótica, podendo alterar os códigos e reorganizar as linguagens já estabelecidas.

Para além das corporalidades de Dilma na semiosfera política e as construções de gênero, devemos considerar, também, outros aspectos que se evidenciaram naquela semiosfera política de 2016 no Brasil. De modo sucinto, em meio a uma crise política e econômica, o país apresentava um cenário de fortes manifestações sociais que se dividiam entre reivindicações de direita e de esquerda, inclusive com episódios de violência, mostrando amplo descontentamento em protestos de rua e nas redes sociais. Vários escândalos estavam acontecendo com a investigação de políticos de todos os escalões, além disso, mostrou-se instabilidade na equipe ministerial da presidência e o vice, Michel Temer, deixou de apoiar Dilma Rousseff. Vieram, então, as acusações de pedaladas fiscais e o *impeachment*.

Semiosfera políticas e o feminino

A dimensão das corporalidades permite a manifestação de textos de diversas ordens que são capazes de expressar não apenas os signos impressos no físico, mas uma complexa ordem de textos comunicacionais articulados sobre o âmbito bio-psico-social, constituindo inter-relações constantes de tensão e distensão. Assim, as virtualidades (BERGSON, 2006) do corpo permitem compreender as suas atualizações em diferentes textos e vice-versa. É justamente nas materialidades de textos fotográficos e audiovisuais que buscamos estudar as corporalidades construídas para Dilma Rousseff no período do *impeachment*-golpe e conceber esse corpo político.

A construção de sentidos sobre o corpo feminino parte de um contexto diacrônico de submissão da mulher no âmbito doméstico e a pouca participação na esfera pública, o que vemos refletido na política, mas também no mercado de trabalho em que as chefias e os cargos de liderança estão, em sua maioria, nas mãos de homens e são exclusivamente pensados para eles. Uma dominação masculina

(BOURDIEU, 2002) em que o absolutismo é característica principal, em que a liberdade e participação resiste a incluir as mulheres, sendo uma grande desvantagem nas disputas de sentido e de poder.

O autor nos ajuda a entender como esses sentidos são construídos na sociedade patriarcal em que vivemos, já que ela estabelece o corpo como uma realidade sexuada e com princípios de divisão entre masculino e feminino que afetam diversas instâncias de produção de sentidos, como as relações familiares, a distribuição de trabalho, o comportamento social, entre outros.

O autor propõe que:

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 2002, p. 17)

Entendemos que esse programa, que se incorpora aos sistemas modelizantes, é aplicado aos diferentes espaços culturais e se impõe sobre o corpo biológico, psicológico e social, configurando códigos, por vezes rígidos, para definir homens, mulheres, LGBTQIs, buscando continuidade e repetição nas relações de dominação dos homens sobre os demais. Ainda que tais códigos estejam sendo bastante tensionados, tentam persistir por meio de repetidos textos de controle e, o que é pior, de violência contra as mulheres e LGBTQIs. Assim, a visão androcêntrica, tratada por Bourdieu, continua regendo a sociedade pelas próprias práticas, que resistem à aceitação da mulher em atividades predominantemente masculinas, com o reconhecido e antigo preconceito de que “isso não é para mulher”. Esse programa semiótico limita a

atuação delas em diversos âmbitos, já que a ordem patriarcal de dominação masculina atravessa a vida privada, social e política.

A própria Dilma Rousseff em artigo para a Carta Capital⁹¹ afirma:

Em minha trajetória política, que me levou a dois mandatos na Presidência da República, cargo do qual fui afastada por um golpe parlamentar, sem crime de responsabilidade, sempre acreditei que as mulheres são fortes. O que tenta impedir a expressão de sua fortaleza são sistemas de poder de raízes patriarcais, racistas e elitistas de nossa história que se revelam, concretamente, na vida social.[...]

Minha eleição, assim como aquelas de Michelle Bachelet e Cristina Kirchner, em países vizinhos, passaram uma nova mensagem: a de que as mulheres podem chegar à condução dos destinos dos países, embora nossos desempenhos sejam avaliados tendo por base preconceitos, discriminações, misoginia.

Escutamos, por outro lado, a mensagem das mulheres, em nosso apoio, e o alerta de que “o ataque pessoal é um ataque político”. Há um campo simbólico minado pelas concepções machistas e o Estado é permeado por elas.

Em consonância, Flávia Biroli (2010) discorre sobre o nexos do corpo estereotipado feminino que é imposto pelos grupos dominantes. Indica que, como estereotipo, poderia pensar-se no desinteresse da mulher pela política, a falta de habilidade para o desenvolvimento do cargo público, e, enfim, o não pertencimento à esfera política. Além disso, por outro lado, os textos culturais as colocam no centro da esfera privada, da vida doméstica, da maternidade.

91 Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/dilma-rousseff-a-luta-das-mulheres/>>

De modo geral, pode-se dizer que o processo de *impeachment*-golpe se deve menos às pedaladas fiscais e muito mais a acordos e desacordos entre congressistas e partidos, tudo isso atravessado por conchavos políticos e pelo fato de Dilma ser uma mulher – o que, é claro, nunca se ousou debater midiaticamente. Assim como outras presidentas da América Latina sofreram pressão por ser mulher, com Rousseff não foi diferente. Pesquisa de Stocker e Dalmaso (2016), por exemplo, estuda os comentários ofensivos de leitores direcionados à presidenta e analisa os sentidos relacionados ao preconceito de gênero levantando: ódio e misoginia, machismo e sexismo, violência emocional por meio de manipulação psicológica, entre outras.

Na época do *impeachment*-golpe as posições de juristas e do público se dividiram. Por um lado, a acusação de desrespeito à lei orçamentária e à lei de improbidade administrativa, bem como a falta de punição às irregularidades na Petrobrás; por outro lado, a contestação das denúncias defendendo que as pedaladas fiscais não podiam ser caracterizadas como improbidade administrativa, sem provas de crime doloso da presidenta. Quanto a isso, é importante observar que os decretos de créditos suplementares, entendidos como pedaladas fiscais, foram assinados também pelos antecessores da presidenta, Luiz Inácio da Silva e Fernando Henrique Cardoso. Além disso, dois dias após o *impeachment*-golpe, Michel Temer, então presidente da república, assinou a lei que flexibiliza o remanejamento do orçamento, a principal justificativa para o afastamento de Dilma.

Nesse contexto que incitou o golpe, é preciso levar em conta, também, o descontentamento da direita por tantos anos de governo petista e sua impossibilidade de estar no poder. Em acréscimo, uma mulher que se negou a fazer ‘acertos’ com os homens do poder, como por exemplo apoiar Eduardo Cunha, então presidente da Câmara, que era investigado pela Operação Lava Jato. Como revanche, Cunha aceitou o

pedido de *impeachment*. Assim instaurou-se o golpe, pelas semioses abertas e subjetivas do campo do direito e da semiosfera política.

A eleição de Dilma foi, sem dúvida, um avanço para a participação da mulher em atividades políticas. Junto com a adoção de cotas de um mínimo de 30 % e o máximo de 70 % para candidatura de cada sexo por partido político⁹², fortalecendo o voto feminino através de suas representantes na política. É bom lembrar também que, a partir final do século XX, a participação das mulheres em cargos políticos foi parte da agenda feminista (MIGUEL, 2014) e ainda é. No Brasil foram criados os conselhos do estado dos direitos das mulheres, para depois passar para entidades maiores como a Secretaria de Políticas para as Mulheres instituída no ano de 2003.

Miguel (2014) indica que a proporção de mulheres participando na esfera política é baixa. Segundo ele, o Brasil contava com menos de 9 % de mulheres na Câmara de Deputados em 2014. Segundo o site G1, no processo eleitoral de 2018, o percentual da bancada feminina na Câmara dos Deputados correspondeu a 15%, tendo um incremento em relação às eleições anteriores (passando de 51 para 77 deputadas), mas ainda assim o número é inferior ao estipulado pela lei. Além disso, desde o 1998 o número de mulheres que se candidataram ao cargo de presidente da república é limitando, elas são entre uma e no máximo três candidatas (em 2014), enquanto o gênero masculino participa com mais de cinco candidatos em cada processo eleitoral.

O corpo político e a imagem pública

Para Weber (2009, p. 16), a imagem pública é vista como o “somatório de exercícios de aparência, representações, fé e um carisma mediatizado a partir de jogos de poder entre visibilidade e credibilidade”. Nessa perspectiva, Gomes (2004) entende que a imagem pública é mais

92 Lei nº 9.504/1997

do que a visão de uma quantidade numérica, para sua construção existe uma combinação de elementos. A imagem, com um sentido visual, corresponde a um dos componentes, mas não é o único, já que, para a existência dela, precisa-se contar com ações e discursos. Cabe ressaltar, também, que as manifestações exibidas pelo ator-político precisam ser reafirmadas por agentes intermediários. Em outras palavras, a imagem pública vai se formar e produzir sentidos de acordo com os códigos culturais circulantes. Uma semiose que nem sempre coincide com a mensagem pretendida pelo emissor.

Nessa via, é relevante trazer a noção de fachada, em que Goffman (1985) explica as relações interpessoais construídas de modo consciente ou inconsciente. Ao produzir sua fachada, o sujeito apresenta uma impressão sobre si próprio com vistas a alcançar objetivos formulados com antecedência, dependendo do lugar e do palco em que se encontra o sujeito. Tendo em vista o funcionamento da semiosfera política, é comum que os seus atores busquem produzir textos que atendam à construção de uma boa fachada, desenvolvendo uma série de estratégias para ter a imagem pública adequada e ideal. Nesse processo, reproduzem, legitimam, desconstruem ou modificam textos semióticos de fachada em consonância com o lugar onde se encontram e, também, dependendo de com quem estão se comunicando.

Goffman indica que durante o período em que o indivíduo se encontra numa interação social ele procurará obter informações sobre o(s) outro(s) com a finalidade de anteceder às expectativas do seu comportamento e, dessa maneira, definir qual é o melhor personagem que irá utilizar ao longo do intercâmbio. Entre a compreensão de qual será o melhor personagem a ser utilizado e a sua criação é que aparece a definição de fachada. O autor a considera como: “a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa, com o fim de definir a situação para os que observam a representação” (GOFFMAN, 1985, p. 29).

Ainda que a fachada seja muito bem planejada, é possível que falte habilidade ao político para interpretá-la como deveria, é preciso considerar também que, em algum momento, pode haver um desvio do roteiro causando irregularidades e obrigando o ator a atuar sobre a imprevisibilidade. Assim, no que diz respeito a um processo de *impeachment*, fica a incógnita de qual a fachada ideal. De certa forma, essa postura recai sobre a imprevisibilidade. No que se refere a comunicação corporal, não há muitas possibilidades de nuances na construção da fachada para um *impeachment*-golpe, tendo em vista que as traduções estão, de algum modo, condicionadas a buscar principalmente evidências de rancor, culpa e tristeza. Em se tratando de uma mulher, a fragilidade vai ser um traço bastante procurado.

No dia 12 de maio de 2016, após o Senado aprovar o seu afastamento por 180 dias, a presidenta fez uma manifestação no Palácio do Planalto e, posteriormente, foi ao encontro de apoiadores que a aguardavam na rua, cerca de 3 mil pessoas, de acordo com a polícia militar. Uma previsibilidade possivelmente esperada no texto corporal de Dilma seria a expressão de tristeza e/ou decepção pelo afastamento do cargo, mas é aí que surge uma irregularidade: ao ser retratada pela mídia, ela mostra uma expressão facial sem perturbação aparente. Durante o seu discurso esteve descontraindo e segura, talvez por estar ainda dentro de sua zona de conforto, ao lado de seus apoiadores políticos e sem abrir espaço para perguntas da imprensa. Entre palmas e frases de apoio convoca uma luta pela democracia.

Quando deixa o Palácio e vai ao encontro dos manifestantes⁹³, tem uma expressão confiante, caminha sem rigidez, mostrando descontraindo da musculatura corporal e em meio a muitos homens (apoiadores políticos, ministros e seguranças). As expressões daquele corpo não refletem sentimento de tristeza, rancor ou fragilidade. Na aproximação

93 Disponível em <<https://www.reuters.com/news/picture/dilma-rousseff-impeached-idUSRTX2DZPO>>

do público, vestida de branco e preto, com predominância do primeiro, ela distribui sorrisos, abana para as pessoas, as cumprimenta e recebe abraços e beijos, permitindo que o seu espaço pessoal seja invadido, ainda que uma grade a separe do público. Em imagens retiradas do site G1⁹⁴ podemos ver a caminhada até o público e o próprio repórter, ao narrar a cena, traduz as corporalidades da Dilma como: “ela bastante tranquila ali, abanando para as pessoas. Um momento bastante difícil, mas ela parece bastante serena”.

Quando se fala em imagem pública, construída nas ações cotidianas, nem sempre é possível contar com edição, ou fazer a cena novamente, como ocorreu na cena descrita anteriormente que era uma transmissão ao vivo. Entretanto, o ângulo da câmera, o foco, o enquadramento, a qualidade imagética e a narrativa do repórter ainda podem ser controlados. Nessa perspectiva, a visibilidade midiática se torna uma noção relevante no estudo da imagem pública porque, ao mesmo tempo que nela se constroem semioses fundamentais, é também por meio dela que se pode ocultar, apagar ou evidenciar certos detalhes ou características que não estão aptas para serem dirigidas ao público.

Para Landowski (1992), a visibilidade poderia ser vista como um discurso de sedução, em que os objetos empíricos apresentam ou expõem em praça pública verdadeiras “cenas da vida privada”. Os regimes de visibilidade vinculam-se à relação entre o privado e o público, condicionando a sintaxe do ver à conexão entre “um que vê” e “outro que é visto”. O autor indica que essa estrutura de comunicação implica a presença de dois ou mais atores que trabalham em conjunto e que vão conformar a visibilidade, considerando o espaço e o tempo, como também o ambiente e a situação do observador.

94 Disponível em:

<<http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/05/dilma-vai-ao-encontro-de-manifestantes-na-frente-do-planalto.html>>

Ao tratar do poder político, Max Weber (1999) aponta três tipos de dominação: patriarcal, burocrática e carismática. Esta última é um componente importante para a construção da imagem pública, sendo atribuída ao líder pelos seguidores e funcionando como um dom (não acessível a todo mundo). Esse dom tem um caráter sagrado de salvar o mundo, melhorar a condição de vida de um determinado grupo de pessoas, pois é justamente por meio dos pesares desse povo que o líder carismático consegue conectar-se e identificar-se com ele, oferecendo uma esperança, uma solução, gerando confiança em um determinado tempo. Personagens carismáticos têm a envergadura de impor poder por meio de afetos e sensibilidade.

Esse dom, contudo, pareceu faltar a Dilma Rousseff na maior parte do seu governo, ainda que estivesse comprometida com determinados pesares do povo. Ofuscada pelo grande carisma de Lula, ficou aquém das expectativas. Faltou a ela o ‘propósito maior’ do carismático – impor o poder por meio de afetos –, bem como o reconhecimento e a legitimação do seu dom de salvadora pelos seus seguidores. É importante lembrar que, segundo Max Weber, diferentemente das outras dominações, o carisma não tem regras, estando sob a guarida de costumes tradicionais, baseados na cultura. A tarefa do carismático é provar sua missão nesse mundo, principalmente para seus seguidores ou devotos.

Ambos os políticos (Dilma e Lula) eram do mesmo partido, compartilhavam um pensamento político muito próximo, tinham ideologias similares e até representavam a um mesmo grupo de cidadãos, mas a diferença entre eles estava no que conseguiam despertar no público, na conexão que conseguiam estabelecer e na interação subjetiva que conseguiam construir.

Cassação ou caçada?

Da mesma maneira que uma mulher na presidência da república causa irregularidades na semiosfera política, o ato de *impeachment* também altera as continuidades dos sistemas significantes. Pela perspectiva lotmaniana, o *impeachment* pode ser considerado uma explosão semiótica, ou seja, uma inovação no processo gradual dos sistemas de significação, provocando tensionamentos dentro da semiosfera e necessidade de novas tradutibilidades. O termo *impeachment* está correlacionado a sentidos de destituição, exclusão, cassação, deposição, culpabilidade, entre outros e nos leva à diacronia da política brasileira. Em 1992 a palavra se tornou midiática pela primeira vez, quando o ex-presidente Fernando Collor, denunciado por corrupção, apresentou carta de renúncia pouco antes de ser destituído pelo Congresso⁹⁵. A semiose construída sobre esse fato, não foi de renúncia, mas de *impeachment*. Após 24 anos o fato se repete, em outro contexto e por motivos diferentes (já abordados nesse texto). As rupturas de sentido, no entanto, acontecem igualmente, causando uma série de tensionamentos na produção de semioses, com resistências de forças, desacomodação política, disputas de sentido e, conseqüentemente, divisão social, desajustes políticos, inconformidade entre outros.

É importante lembrar que a construção do *impeachment*-golpe se constitui ao longo de quase um ano, mas nos concentramos em três momentos principais já citados no início do artigo. Nos interessa o corpo político configurado por Dilma nesse processo e as capturas midiáticas

95 Villa (2016) relembra que, no dia da votação do *impeachment*, antes que a sessão começasse, o então presidente Collor enviou uma carta de renúncia ao Congresso e, desta maneira, não haveria motivo para dar seguimento a votação. O objetivo de Collor era não ter seus direitos políticos cassados, mas os senadores decidiram prosseguir com a votação e ele sofreu a cassação.

dessas corporalidades. Em alguma medida, já trouxemos indícios desse corpo ao longo do artigo, mas aqui nos deteremos um pouco mais⁹⁶.

No discurso no Palácio da Alvorada, em 31 de agosto, após a votação do *impeachment*, Dilma mostra uma expressão facial séria na maior parte do tempo, com o queixo erguido e as costas eretas, seus braços se apoiam no púlpito sem se movimentar trazendo sentidos de segurança e estabilidade. Seu tom de voz é forte, mas estável, sem alterações para graves e agudos ou intensidade de volume (esses dois últimos poderiam demonstrar instabilidade de ânimo, nervosismo), mas em alguns momentos teve que repetir palavras que foram mal pronunciadas, deixando escapar, algum nervosismo. Ela critica a ação política e os descaminhos para a tomada de poder, bem como denuncia o golpe de estado sofrido. Sua aparência física descarta o abalo emocional, no rosto não há aparência de cansaço ou comoção – o que pode estar reduzido pela maquiagem. O *blazer* vermelho usado a destacou dos demais atores presentes, dando-lhe visibilidade ao posicionar-se centralmente, cercada por um grupo considerável de políticos(as) e dominando o cenário. De forma geral, o sentido preponderante construído nas imagens audiovisuais pode ser denominado como: equilíbrio. O jornal ZH⁹⁷, por exemplo, define em palavras o comportamento corporal da ex-presidente: “A mineira parecia tranquila. Não derramou lágrima, nem mesmo praguejou contra seus detratores”.

Em termos corporais, o discurso em que Dilma se despede da presidência (31/08) não se mostra tão diferente do discurso de afastamento do cargo (12/05)⁹⁸. No primeiro, proferido em maio, percebe-se que a comunicação verbal é firme, enérgica e ativa; esses sentidos estão presentes não só no discurso verbal, mas também no tom

96 Infelizmente as imagens não podem ser reproduzidas por motivo de direito autoral.

97 Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2017/08/relembre-como-foi-a-o-discurso-de-dilma-apos-a-aprovacao-do-impeachment-9884775.html>>

98 Acessível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=616ZfvfxiUU>>

de voz. Usa palavras e frases simples, conta detalhes da sua biografia política, nomeia obras feitas durante seu governo e, em alguns momentos, é enfática, principalmente quando se refere àqueles que a afastaram do cargo. Seus movimentos de cabeça e de corpo são calmos, seu olhar se dirige a todos os presentes, e sua expressão facial é séria sem ser contraída. Nesse episódio está cercada por políticos e políticas cuja cor da vestimenta predominante é o preto, ela se destaca ao usar branco, bem como sua mãe, que está ao seu lado.

Um momento marcante desse processo, que diverge dos demais trazidos ao artigo, é a visita de Rousseff ao Senado para apresentar sua defesa, após 107 dias de suspensão do exercício do seu mandato. Esse evento constrói sentidos de irregularidade ao colocar a chefe do executivo federal sob o julgamento do legislativo e do judiciário numa condição de suspeita. Um ambiente predominantemente masculino, que se configurou como um interrogatório que teve a duração de quase 13 horas, sendo 46 minutos utilizados para o pronunciamento da presidenta e o restante do tempo para o depoimento e as perguntas dos/as senadores/as. Diante desse cenário, seria esperado um quadro de fragilidade por parte de Dilma, sendo ela uma mulher e estando sob investigação, no entanto se mostra desafiadora ao mesmo tempo em que é desafiada em embates verbais.

Em seu discurso, em pé, atrás de um púlpito, ela enfatiza algumas palavras e as reforça olhando para a plateia, utilizando uma linguagem verbal complexa e protocolar - considerando as autoridades que conformam a sala. O tom e voz, a expressão facial e a postura trazem sentidos de segurança. Em sua expressão facial se destaca o movimento de sobancelhas, bem como os gestos de levar a mão ao rosto e movimentos de mãos e braços para enfatizar determinados trechos de sua fala. Diferentemente dos dois discursos anteriores, a cor de sua vestimenta não se destaca da das demais autoridades, mas usa o mesmo estilo de *blazer* em todas as ocasiões.

Durante o depoimento, sentada na ponta da mesa diretora, suas corporalidades vão mudando a medida em que o tempo passa. Em determinados momentos se mostra bem enérgica, com as costas eretas, o queixo erguido, olhos bem abertos, sobranceiras levantadas, gestos enfáticos - como as duas mãos abertas com as palmas viradas para frente, ou o dedo indicador em riste, ou os punhos fechados. Na combinação desses traços foram se compondo expressões que indicavam segurança, firmeza, determinação, insubmissão. Em meio a pronunciamentos de políticos(as) que a acusam e de outros que a defendem, aparecem algumas expressões que mostram cansaço, sensação de incomodo e aborrecimento, como por exemplo: as costas apoiadas na poltrona, a cabeça inclinada e sustentada pela mão direita; os olhos semicerrados e a boca sem expressão; os cotovelos apoiados na mesa e as mãos segurando o rosto. Em todas as imagens coletadas desse evento, em apenas um momento Dilma expressou um leve sorriso ao cumprimentar alguém que estava fora de quadro, no restante do tempo, esteve séria.

É claro que, tendo em vista a experiência de Dilma como política e o apoio de sua assessoria, é de se esperar que ela tenha planejado a construção de sua fachada também para esse processo de *impeachment*-golpe. As imagens nos mostram que optou por não exibir sentimentos de raiva e hostilidade ou, por outro lado, de fragilidade e vulnerabilidade. Buscou produzir textos de si que alimentaram seus sentidos positivos e reforçaram sua isenção. Manteve, assim, a imagem de mulher forte e confiante - qualidades de uma líder. Considerando o nosso *corpus*, não foi possível capturá-la como uma mulher frágil, entristecida ou vencida; em poucos instantes foi possível perceber o cansaço e o abatimento.

O corpo político de Dilma apresentado no processo do golpe e capturado pela mídia é de uma política impassível frente aos acontecimentos, no sentido de não se deixar abater, conseguindo manter a serenidade frente aos fatos e mostrando determinação e moderação, ainda que tenha lhe sido imposto o papel de suspeita, de ré e, no âmbito

geral, de bode expiatório⁹⁹ - no sentido bíblico mesmo de, ritualisticamente, receber a culpa de todos os pecados da comunidade. Considerando o cenário político e econômico de 2016, no contexto macro, esse processo repercute a criação de um fato para acalmar os ânimos, era necessário um evento político-midiático que concentrasse a atenção de todos, desviando o olhar dos demais acontecimentos e que, em complemento, construísse um palco de punição. Esse texto cultural, com detalhes diferentes, se repete na história da humanidade. No entanto, Dilma Rousseff expressou dignidade frente ao golpe que buscou sua exclusão.

O testemunho no Senado por 13 horas, mantendo a formalidade da instituição legislativa, lembrou aspectos de depoimentos policiais que se prolongam por horas para cansar o depoente e fazê-lo confessar o crime, não importando se o cometeu ou não. Em se tratando de uma mulher e do modo como foram construídas determinadas perguntas, seria possível pensar em uma versão moderna do ritual de inquisição. Ao mesmo tempo, as corporalidades de Dilma não apontaram uma entrega de si a esse ritual, ela se defendeu, mostrou dados, argumentou determinadamente.

Enfim, o nexa entre nosso *corpus* e o diagrama do Landowski (1992) nos leva a pensar em como Dilma Rousseff dominou a visibilidade midiática nos três episódios marcantes do golpe. Primeiramente, no dia em que teve que aceitar a decisão de se afastar do cargo, dando a ver tranquilidade e serenidade, sem deixar escapar o incomodo com a situação e a iniquidade da circunstância. Buscou ser vista como uma

99 O livro Levíticos da Bíblia fala do dia da expiação, em que os hebreus praticavam rituais para purificação da nação. Um desses rituais era de usar um bode para a expiação de todos os pecados da comunidade e, então, ele era abandonado no deserto. “Ao longo da história percebemos que várias minorias ou grupos marginalizados foram utilizados como “bode expiatório” de algum infortúnio ou fracasso”. Disponível em:<<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/bode-expiatorio.htm>>.

mulher desafiadora, capaz de vencer a batalha. No dia do depoimento no Senado, Dilma operou sobre uma fachada de determinação, buscando manter a postura íntegra durante o longo tempo em que foi inquirida. Por meio das imagens desse acontecimento, as expressões de Rousseff nos contam sobre a construção desse corpo político: frases marcantes, decisivas, falas que defendem sua gestão e sua história, postura ereta, olhar firme, intensidade no tom de voz para a defesa de seus argumentos; mas também momentos de aborrecimento frente a tantos embates e discursos políticos. No discurso no Palácio da Alvorada, continuou firme e, mesmo sob a pressão do evento que a retirou da presidência da república, manteve o controle e o equilíbrio, afastando todos os sentidos culturais de debilidade, fragilidade e subordinação que rondam o mundo feminino. A fachada construída por ela manteve sua integridade.

Referências

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BIROLI, Flávia. Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos. **Cadernos Pagu**, n.34, p.273, 2010.

_____. **Teorias feministas da política, empiria e normatividade**. Lua, Nova, São Paulo, 102: 173-210, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2a edição, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na área da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**. São Paulo: Pontes/Educ SP, 1992.

LOTMAN, Y. **Semiosfera I** – semiótica de la cultura e del texto. Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, Y. **Cultura y explosión**. Barcelona: Gedisa, 1999.

MACHADO, I. **Escola de semiótica**: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial/ FAPESP, 2003.

MACHADO, I. (Org.) **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

MIGUEL, Luis Felipe. O feminismo e a política. In: MIGUEL, Luís Felipe e BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

ROSÁRIO, Nísia. **Espetáculo, política e corporalidades: ressignificação de sentidos em sujeitos midiaticizados**. São Paulo: Extraprensa, dez. 2014. Semestral. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/epx15-a2>. Acesso em: 15 out. 2020.

ROUSSEFF, Dilma. **Dilma Rousseff: A luta das mulheres**. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/dilma-rousseff-a-luta-das-mulheres/>. Acesso em: 29 nov. 2020.

STOCKER, Pâmela; DALMASO, Silvana. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. **Revista Estudos Feministas**. V.24, n.3, 2016.

WEBER, Maria Helena. O estatuto da imagem pública na disputa política. **Eco (UFRJ)**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 11-26. 2009.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

VILLA, Marco Antônio. **Collor presidente: trinta meses de turbulências, reformas, intrigas e corrupção**. Rio de Janeiro: Record, 2016.